

Economia

Ainda a política monetária



A PESAR DO recente aumento da Selic de 10,75% para 11,25%, **Agroanalysis** continua com sua aposta de que o governo da presidente Dilma Rousseff fará o controle da inflação utilizando com muito mais força elementos para conter a demanda (como restrição ao crédito, por exemplo) do que aumentos contínuos da Selic.

Tanto a presidente como boa parte da equipe econômica não queriam que a Selic voltasse a subir já em janeiro, mas as pressões foram fortes, e a independência operacional do Banco Central (Bacen) foi mantida pelo novo governo. Tanto é assim, que, diferentemente do governo anterior, o Bacen tomou a

medida em acordo com a presidente. Ela teria sido convencida da necessidade do aumento segundo argumentos do Bacen. Nossa opinião é que mesmo sendo contrária à medida (com mais vigor do que o fazia o presidente Lula) a presidente não quis abrir uma guerra com o Bacen e nem dar mostras de que cortaria sua independência.

Mas que não parem dúvidas, o aumento teria sido maior na gestão anterior. E muito provavelmente várias medidas serão tomadas entre janeiro e fevereiro, inclusive de cunho fiscal, para evitar novas elevações da Selic, em março, apesar da nota emitida pelo Bacen de que a elevação de ontem é o

início de um processo. As apostas do setor financeiro de uma Selic de até 13% em dezembro dificilmente se materializarão. A presidente e o ministro da Fazenda vão atuar de forma orquestrada para tentar garantir este rumo, sem declarar guerra aberta ao Bacen.

Haverá um esforço enorme do governo para domar a inflação discutindo os contratos indexados e arrochando o crédito, ou seja, lançado mão de formas mais inteligentes para domar a inflação brasileira. Como já dissemos anteriormente, a Selic maior traz mais prejuízos (pelo lado fiscal) do que benefícios para a economia. O tempo mostrará quem tem razão. ■